

ESTRATÉGIAS PARA MELHORIA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UMA ANÁLISE SOBRE OS NÍVEIS DE DISLEXIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Holanda, Magno de Souza¹

RESUMO

O presente artigo aborda a educação inclusiva de alunos disléxicos na educação infantil. Sabe-se que dentre os transtornos de aprendizagem que acometem crianças e adolescentes, a dislexia é um dos mais estudado e difundido no meio educativo. A dislexia ainda não tem causas exatas e claras, apenas estudos com neuroimagem que detectaram diferenças no funcionamento e desenvolvimento cerebral dos disléxicos. Trata-se de um transtorno específico de aprendizagem que atinge pessoas de todas as origens e nível intelectual. Neste sentido, o objetivo geral do estudo foi analisar os níveis de dislexia na educação infantil, buscando estratégias para a melhoria da educação inclusiva. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, onde foram pesquisados diversos trabalhos científicos de autores que abordam o tema. Pesquisas feitas no meio virtual com leituras de diversos estudos sobre a dislexia também serviram de aporte para a construção desse trabalho. Da pesquisa depreende-se que a integração de alunos "especiais" deve ser sempre facilitada, pois a educação é um direito inerente a todos. Sendo assim, é imprescindível a implementação de políticas públicas que apoiem a formação continuada dos docentes, ampliando o diálogo nas práticas pedagógicas voltadas para a educação inclusiva de alunos com Dislexia.

Palavras chaves: Educação Inclusiva. Dislexia. Educação Infantil

1 INTRODUÇÃO

A ideia de inclusão, atualmente, é bem mais recorrente e debatida em diversos setores da nossa sociedade brasileira, principalmente no setor educacional. Inclusive em 1998 foi criado os Parâmetros Curriculares Nacionais com o objetivo de



XVII CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE TECNOLOGIA
NA EDUCAÇÃO

Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

1 Graduado em Pedagogia pela UNINTER e Mestre em Ciências da Educação pela UNIDA-PY.

nortear o ensino brasileiro, estabelecendo funções das instituições de ensino no sentido de adaptar seus processos pedagógicos incluindo às individualidades. No ano de 2001 foi elaborada a resolução CNE/CEB nº 177 que institui Diretrizes nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, sendo assegurados os direitos à educação especial.

Cabe destacar que tais leis são bastante relevantes, no entanto não abordam especificamente alunos com dislexia que precisam de ensino inclusivo, sendo necessário uma futura alteração dessas leis que possam contemplar tais estudantes de forma clara nos textos.

É mister entender que um aluno disléxico merece um desenvolvimento integral, pois tem condições de aprender, dentro de suas limitações. As entidades educacionais não podem enxergar esse estudante como indivíduo limitado. Esse educando precisa ser pensado com relação ao seu desenvolvimento integral, eliminando assim todos os preconceitos e que ele não seja motivo de discriminação. Desse modo, é fundamental a promoção de uma estrutura adequada, com boa acessibilidade, recursos, materiais didático-pedagógicos e profissionais qualificados para atender os alunos com necessidades especiais.

Assim sendo, o objetivo geral deste artigo é analisar os níveis de dislexia na educação infantil, buscando estratégias para a melhoria da educação inclusiva. Tendo como objetivos específicos: caracterizar a educação inclusiva e aspectos da Dislexia; demonstrar os aspectos da dislexia no processo de ensino-aprendizagem; apresentar a prática docente em alunos disléxicos; descrever a educação inclusiva de alunos disléxicos. A pergunta norteadora do estudo é: quais as estratégias para a educação inclusiva na perspectiva da Dislexia?

2 DISLEXIA E SUAS CARACTERÍSTICAS

Ao longo dos tempos muitas discussões têm sido tecidas a respeito do processo de alfabetização, bem como sobre os métodos mais adequados para a aprendizagem de crianças disléxicas (SANTOS, 2016).

No entendimento de Sousa (2019)

a Dislexia é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológicas, caracterizada por dificuldades no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no

componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas (SOUSA, 2019, p.46).

É sabido que a Dislexia é um dos principais motivos do insucesso e do baixo rendimento escolar em alunos com esse tipo de transtorno. Em grande parte dos casos o diagnóstico não é preciso e por esse motivo não há um tratamento adequado. Em vista disto faz-se necessário conhecer os pressupostos basilares deste distúrbio, de forma a permitir que profissionais da saúde e também a família reconheçam e identifiquem os sinais de forma precoce, para que uma intervenção apropriada e eficaz seja adotada (SANTOS, 2016).

Na visão de Pennington (1997), os principais indícios de Dislexia num aluno são vistos na dificuldade de leitura e também na escrita e abrange os seguintes pontos:

- a) Confusão de letras, sílabas ou palavras com pequenas diferenças de grafia: o/a, c/o, e/f;
- b) Confusão de letras que possuem sons parecidos: b/d, p/q, d/t, m/b; • Inversão parcial ou total de sílabas ou palavras: me em vez de “em”, sol em vez de “los”, som em vez de “mos”;
- c) Substituição de palavras por outras estruturas, mais ou menos semelhantes: salvou no lugar de saltou, sentiu no lugar de mentiu; • Contaminação de sons: lalito em vez de palito;
- d) Adição ou omissão de sons, sílabas ou palavras: casa em vez de casaco;
- e) Repetição de sílabas, palavras ou frases: mamacaco, paipai;
- f) Salto de linha, volta a linha anterior e perda da linha durante a leitura;
- g) Acompanhamento com o dedo da linha que está sendo lida;
- h) Leitura do texto, palavra por palavra;
- i) Problema de compreensão do texto;
- j) • Escrita em espelho (em sentido inverso ao normal);
- k) • Letra ilegível;
- l) • Leitura analítica e decifratória.(PENNINGTON, 1997, p.65),

É comum nos disléxicos conforme Pennington (1997), perceber na leitura silenciosa um certo mover de lábios e murmúrio, sobretudo quando a criança precisa pronunciar as palavras para entender seu significado. Nota-se também uma dificuldade em explanar suas ideias e pensamentos em palavras e dificuldade na memória auditiva imediata.

Elucida Lanhez e Nico (2002) que há um consenso geral formulado por estudiosos a respeito de todos os sintomas e, isso de certa forma torna o diagnóstico mais complexo. No entanto, diferentes pesquisadores são unânimes em afirmar que a Dislexia apresenta os seguintes sintomas.

lentidão na aprendizagem dos mecanismos da leitura e escrita; problema para reconhecer fonemas repetidos em uma frase; desatenção e dispersão; desempenho escolar abaixo da média, em matérias específicas, que dependem da linguagem escrita; melhores resultados, nas avaliações orais, do que nas escritas; dificuldade de coordenação motora fina; dificuldade de copiar as lições do quadro, ou de um livro; problema de lateralidade (confusão entre esquerda e direita, ginástica); dificuldade de expressão: vocabulário pobre, frases curtas, estrutura simples; esquecimento de palavras; problema de conduta: retração, timidez e depressão; desinteresse ou negação da necessidade de ler; leitura demorada, silabadas e com erros; esquecimento de tudo o que lê; salta linhas durante a leitura, acompanha a linha de leitura com o dedo; demora demasiado tempo na realização dos trabalhos de casa; não gosta de ir à escola; pode evidenciar capacidade acima da média em áreas como: desenho, pintura, música, teatro, esporte, entre outros (LANHEZ; NICO, 2002, p.147).

Na opinião de Araújo (2002) existem frequentes trocas ortográficas, mas depende do tipo de Dislexia. No contexto escolar, geralmente, os disléxicos apresentam-se inseguros tem autoestima baixa, os quais sentem-se tristes e culpados. Muitos deles se recusam a executar tarefas com medo de revelar seus erros e demonstrar insucesso numa determinada atividade. “Com isto criam um vínculo negativo com a aprendizagem, podendo apresentar atitude agressiva com professores e colegas” (ARAÚJO, 2007, p. 1).

Todavia, estes aspectos ainda são insuficientes para se ter um diagnóstico adequado de Dislexia, sendo, portanto, apenas um passo a ser bastante estudado, pois, existem outros transtornos de aprendizagem que também possuem elementos semelhantes, entretanto, podem ser usadas como um norte para se procurar um auxílio profissional especializado (ARAÚJO, 2007).

Conforme Cruz (2009), as causas mais prováveis de Dislexia vistas em estudos genéticos afirmam tratar-se de um problema hereditário. Estes estudos revelaram que ao menos um familiar descendente de pais disléxicos apresentará dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita. Também foi encontrado mutações em alguns cromossomas como causa do problema, especificamente nos cromossomas 6 e 15.

Coelho (2014) pesquisador na área de neurobiologia, afirma que surgiram diversas suposições, como por exemplo,

as diferentes partes do cérebro desempenham funções específicas. A área esquerda do cérebro, por exemplo, é responsável pela linguagem. Nesta zona, foram identificadas três subáreas distintas: uma delas processa



fonemas – vocalização e articulação das palavras (região inferior frontal),

outra analisa palavras – correspondência grafema-fonema (região parietal-temporal) e a última reconhece palavras e possibilita a leitura rápida e automática (região occipital-temporal) (COELHO, 2014, p.38).

Assim, Coelho (2014) alega que os disléxicos apresentam dificuldade em acessar as áreas localizadas na parte posterior do cérebro, isto é, às regiões responsáveis pela apreciação de palavras e pela automação da leitura, recorrendo mais à área de Broca (área frontal inferior esquerda) e a outras regiões do lado direito do cérebro que fornecem pistas visuais. Esse autor diz que “Na psicolinguística constata-se a evidência de que os indivíduos que apresentam um atraso na aquisição da linguagem experimentam dificuldades na leitura com uma frequência seis vezes superior àqueles com desenvolvimento normal” (COELHO, 2014, p.39). Contudo, percebe-se que não existe um pensamento unânime quanto à identificação de uma causa exclusiva para a Dislexia, sendo, pois, mais coerente dizer-se tratar de um transtorno de causas diversas.

3 ASPECTOS DA DISLEXIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Estudos recentes sobre Dislexia têm sido convergentes, uns fazem analogia à sua origem neurobiológica e genética e outros convergem para processos cognitivos subjacentes. No entanto, diferentes teorias vêm sendo formuladas no que tange aos processos cognitivos responsáveis por estas dificuldades. Na teoria do déficit fonológico, as prováveis causas da dificuldade na leitura, segundo muitos estudiosos, são motivadas por uma disrupção no sistema neurológico cerebral ao nível fonológico (SILVA; SILVA, 2016).

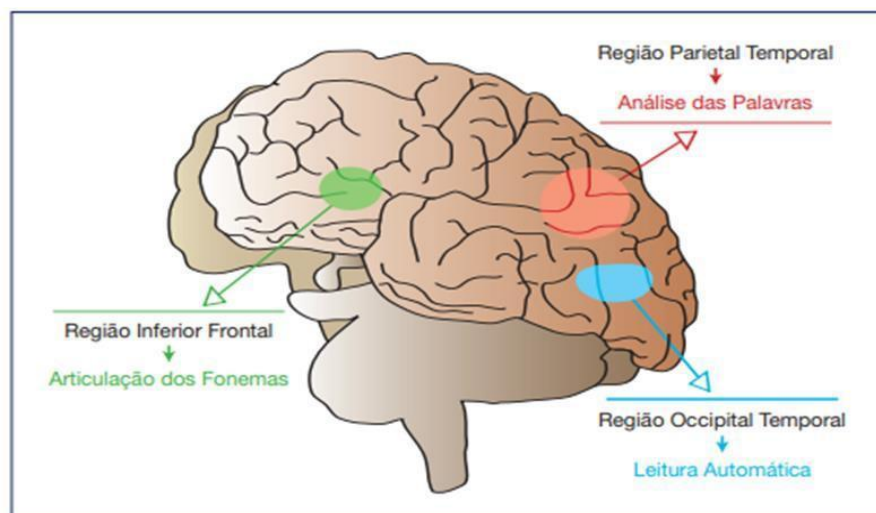
Este tipo de déficit fonológico segundo Silva e Silva (2016) finda por atrapalhar a discriminação e processamento dos sons da linguagem. Sabe-se que a linguagem é formada por palavras, estas são formadas por sílabas, que são fonemas presentes no alfabeto que são as representações gráficas desses fonemas.

Nas visões de Shaywitz et. al. (1998)

a leitura integra dois processos cognitivos distintos e indissociáveis: a descodificação (a correspondência grafofonêmica) e a compreensão da mensagem escrita. Para que um texto escrito seja compreendido tem que ser lido primeiro, isto é, descodificado. O déficit fonológico dificulta apenas a descodificação. Todas as competências cognitivas superiores, necessárias à compreensão, estão intactas: a inteligência geral, o vocabulário, a sintaxe, o discurso, o raciocínio e a formação de conceitos (SHAYWITZ et. al. 1998, p.85).

Shaywitz et al. (1998) estudaram o funcionamento do cérebro e perceberam que durante as tarefas de leitura foram identificadas três áreas no hemisfério esquerdo, que desempenham funções cruciais no processo de leitura conforme demonstrado na figura (1): o giro inferior frontal, a área parietal-temporal e a área occipital-temporal. A região inferior-frontal é a área da linguagem oral, é nela onde a articulação das palavras e a vocalização são processadas, onde se inicia a análise dos fonemas. A subvocalização auxilia na leitura fornecendo um modelo oral das palavras. Esta região está especificamente ativa nos leitores iniciantes e disléxicos. Na região parietal-temporal é onde é feita a análise das palavras. Nesta parte é realizado o processamento visual da forma das letras, a fusão silábica/fonêmica, a correspondência grafofonêmica e a segmentação. Esta leitura analítica é feita lentamente, sendo a via usada pelos leitores iniciantes e disléxicos. Na área occipital-temporal, processa-se o reconhecimento visual das palavras, onde se realiza a leitura rápida e automática. É nela onde todas as informações de vários sistemas sensoriais convergem e, onde é armazenado o modelo neurológico da palavra.

FIGURA 1 - Áreas cerebrais envolvidas no processo de leitura



Fonte: TELES, P. Dislexia: como identificar? como intervir?. Disponível em: <https://www.rpmgf.pt/ojs/index.php/rpmgf/article/view/10097/9834>. Acesso em: 15/12/2020.

A região Occipital Temporal, quanto mais estimulada, mais eficiente é o processo de leitura, ou seja, ocorre um percurso rápido e automático para ler as palavras. Os sistemas neurológicos que envolvem a região parietal-temporal e a occipital-temporal são ativados intensamente e conseguem ler as palavras

instantaneamente (em menos de 150 milésimos de segundo) (SHAYWITZ et. al. 1998).

Aduz Shaywitz et. al. (1998, p. 56) que

os leitores disléxicos utilizam um percurso lento e analítico para descodificar as palavras. Activam intensamente o giro inferior frontal, onde vocalizam as palavras, e a zona parietal-temporal, onde segmentam as palavras em sílabas e em fonemas, fazem a tradução grafo-fonética, a fusão fonêmica e as fusões silábicas até aceder ao seu significado. Os diferentes subsistemas desempenham diferentes funções na leitura. O modo como são ativados depende das necessidades funcionais dos leitores ao longo do seu processo evolutivo (SHAYWITZ et. al. 1998).

Portanto, Teles (2004) afirma que pode-se chegar a uma conclusão inicial de que as crianças com Dislexia apresentam uma disrupção no sistema neurológico, o que dificulta o processamento fonológico e, conseqüentemente o acesso ao sistema de análise das palavras e de leitura automática. Para compensar esta dificuldade utilizam com mais intensidade a região da linguagem oral, região inferior-frontal, e as áreas do hemisfério direito que fornecem pistas visuais.

4 PRÁTICA DOCENTE COM ALUNOS DISLÉXICOS

É na escola que a Dislexia surge com mais intensidade, uma vez que as atividades são permeadas pela leitura. Quando o professor desconhece esse tipo de distúrbio, aumenta o insucesso escolar, bem como dificulta o desempenho escolar futuro do aluno (MENEZES, 2007).

No entendimento de Luca (2012)

a escola tem por obrigação ter o conhecimento sobre os distúrbios que possam intervir na aprendizagem e realizar junto ao aluno o acolhimento, tão necessário, mostrando a ele que a escola está ao seu lado e também irá ajudá-lo a superar as dificuldades que surgirem (LUCA, 2012, p.2).

Esse mesmo autor considera que as informações devem ser passadas a todos os docentes e a escola deve providenciar nivelamento de conhecimento a respeito da Dislexia para todos. O professor deve intervir nas possíveis discriminações que possam ocorrer em relação ao disléxico, sendo necessário repassar e conscientizar sobre o distúrbio para os demais alunos, sempre com a



devida precaução de não expor o aluno ou colocá-lo numa situação vexatória (LUCA, 2012).

Nos momentos de leitura é preciso evitar que o aluno com transtorno leia em voz alta, sendo necessário fazer um trabalho antes com o aluno, evitando assim sua exposição. Nas avaliações, será necessário uma leitura prévia para facilitar a compreensão mais rápida das questões, uma vez que o aluno disléxico apresenta dificuldade em realizar leitura. O conteúdo curricular “[...] deve ser dado de forma clara e objetiva e devem ser usados exemplos e situações práticas durante toda a aula. Os disléxicos em geral apresentam uma boa percepção e compreensão visual” (LUCA, 2012, p.2).

Durante o processo de aquisição da leitura, de acordo com Pereira (2015), a criança passa por vários processos:

[...] da leitura fonológica para a leitura fluente e com compreensão; da leitura fonológica de pequenas palavras (cujo significados lhe são familiares) para o reconhecimento automático de palavras de diferentes características psicolinguísticas; da leitura oral para a silenciosa e compreensiva; da compreensão de textos narrativos para a de textos expositivos da compreensão literal para o raciocínio inferencial (PEREIRA, 2015, p.196).

Nesse sentido, Coelho (2015) ressalta que o processo de aprendizagem de leitura, passa por modificações ao longo do procedimento de escolarização “[...] primeiramente, o estudante aprende a ler, para, então, utilizar-se da leitura no aprendizado de conteúdos acadêmicos cada vez mais complexo e diversificados, específicos e complexos” (PEREIRA, 2015, p.195). Portanto o processo de intervenção deve ter por objetivo a leitura como forma de compreensão. Estas dicas se usadas possibilitam ao aluno condições de se expressar de acordo com suas habilidades.

Neste processo de aprendizagem escolar Menezes (2007) afirma que o apoio familiar é fundamental, uma vez que tudo que ocorre no ambiente doméstico pode afetar a vida escolar da criança, tanto positivamente quanto negativamente. Existem pais que têm dificuldade em aceitar inicialmente a condição de seu filho e que este apresenta entraves na aprendizagem, os quais acreditam que o filho é incapaz de absorver conteúdos pedagógicos, sendo necessário conscientizá-los que a capacidade é mais complexa, porém positiva se trabalhada adequadamente.

No entendimento de Gonçalves (2012),

para pais/família de criança com dislexia é importante não ser superprotetor. As crianças com dislexia são muito capazes e devem assumir responsabilidades. Não se deve fazer pela criança aquilo que ela

própria é capaz de fazer. Dá-lhe possibilidade de experimentar, bem como ser incentivada a curiosidade e os interesses especiais que ela possa ter, tal como arte, música ou desporto. As crianças estão mais motivadas quando está em causa de algo que apreciam, assim é muito bom estabelecer objetivos razoáveis, não tornar as coisas demasiadamente fáceis ou demasiadamente difíceis. Ser paciente. Pais aborrecidos ou ansiosos só levará a que criança se sinta frustrada.” Deve-se pensar a longo prazo a perspectiva do futuro de forma objetiva. As crianças disléxicas devem ser incentivadas a frequentarem o ensino secundário e a prosseguirem estudos superiores (GONÇALVES, 2012, p.24).

Acrescenta Jardini (2003) que a interação que se estabelece entre os pais e a criança com Dislexia deve permitir que esta domine e oriente as experiências da aprendizagem. A criança deve ser ativa e não passiva, o que conduzirá a uma menor dependência dos pais.

Henningh (2003) diz que existem uma série de atividades que podem ser trabalhadas com crianças disléxicas, conforme elenca em seu livro. A sequência de atividades tem como finalidade trabalhar a leitura e o vocabulário. Recomenda-se executar essas leituras durante 15 a 30 minutos diariamente, pois os disléxicos precisam ter uma rotina organizada e estruturada. Henningh (2003, p.27) faz uma lista das atividades propostas:

- **Leitura em voz alta** - podem ser lidas pequenas e breves histórias em voz alta, esta atividade transmitirá experiência e impulsionará o hábito da leitura. Histórias contadas antes de dormir são também de grande valia.
- **Caixa de vocabulário** - consiste na preparação de cartões com a palavra escrita na frente e sua definição atrás, ou seja, é um jogo de adivinhação. Essa atividade pode ser feita em momentos de recreação, parques, viagens, dentre outros. Dentro da caixa podem ser acrescentadas frequentemente novas palavras. É importante que essa atividade seja feita uma vez na semana para que a criança se familiarize com as palavras, esse processo de repetição é essencial para o aprendizado.
- **Fazer um diário** - atividade que deve ser feita como prazer e não como obrigação. Nela a criança é incentivada a registrar as emoções

experienciadas no decorrer do dia, sendo sua opção compartilhar ou não. Caso a criança ainda tenha dificuldade na escrita, pode-se incentivar a utilizar desenhos. Há a opção do uso de letras prontas do alfabeto para formular palavras e impulsionar a soletração e o conhecimento da letras.

Todas essas atividades de estímulos são muito importantes e devem ser incentivadas diariamente para despertar na criança o gosto pelo aprendizado. É desta forma que a criança poderá interagir com seus pares e se sentir incluída em qualquer contexto (QUEIROZ, 2019).

No que tange a avaliação, Lima (2020) elucida que quando se trata de alunos disléxicos, o educador tem um aluno que aparentemente não conseguiu se desenvolver como os demais, mas que não tem nenhuma restrição física à aprendizagem. Em vista disso, as estratégias de ensino, e até mesmo nas formas de proceder à avaliação, o professor deve ter o cuidado de desenvolver ações específicas para esse aluno, não de forma a rotulá-lo, mas de assegurar que ele aprenda da mesma forma que seus pares.

Na opinião de Lima (2020)

a avaliação dos alunos com dislexia, procede-se da mesma maneira que os demais alunos, tendo-se apenas que cuidar de garantir condições particulares para que o aluno possa resolver os questionamentos propostos, demonstrando o que aprendeu de forma clara e concisa. O professor tem um papel essencial dentro desse processo, pois cabe a ele não temer a presença desse aluno, mais identificar ali uma criança que possui uma restrição que deve ser rompida para que haja a aprendizagem (LIMA, 2020, p. 217).

Portanto, a avaliação de alunos disléxicos não irá fugir muito dos critérios difundidos da avaliação de aprendizagem focados na avaliação processual e contínua, no trabalho em equipe, na execução de multitarefas e no desenvolvimento de responsabilidades pontuais apresentados pelo aluno. Assim, o docente tem à sua disposição diversas ferramentas para utilizar, tais como: provas escritas, orais, fichas avaliativas, diários, testes e análise de comportamento (LIMA, 2020).

5 DISLEXIA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA

É indiscutível que os educandos com dislexia podem desenvolver um trabalho acadêmico satisfatório quando recebe acompanhamento do professor e auxílio específico para uma melhor adequação ao contexto escolar. Esse auxílio específico abrange suporte terapêutico por profissionais da área de saúde. Porém, o professor também pode prover práticas cotidianas que ajudam o aluno com Dislexia. Neste sentido, as propostas de inclusão são extremamente válidas para que todos possam ter acesso ao ambiente escolar e ao contanto com o meio social, de forma a partilhar conhecimentos e estimular melhorias no sistema educacional (SANTOS, 2016).

Na concepção de Lima (2020)

Educação é muito mais do que apenas socialização. É aprendizagem, desenvolvimento, possibilidade e esperança de uma vida melhor. É na verdade, um lugar multicultural e de encontro de todas as tribos e deve estar preparada para atender a todos sem distinção de raça, cor ou qualquer diferença (LIMA, 2020, p.52).

Abrir a escola para todos não é uma escolha entre outras e sim a própria predestinação dessa instituição, pois é uma exigência consubstancial de sua existência, plenamente congruente com seu princípio fundamental. A escola literalmente, é um espaço aberto a todas as crianças, um ambiente que tem a preocupação de não descartar ninguém, de fazer com que sejam compartilhados os saberes repassados por ela. Sem nenhuma reserva (SOUZA, 2019).

Argumenta Silva (2016, p.121) que

Estratégias metodológicas inclusivas é permeada pela perspectiva de que o desenvolvimento dos alunos, inclusive daqueles com deficiência, é um processo; de que todos os alunos têm capacidade para aprender; de que a aprendizagem somente acontece por meio das relações e interações com o outro; e de que o professor tem papel fundamental nesse contexto como mediador das relações pedagógicas (SILVA, 2016).

Nenhuma escola trabalha sozinha, pertence a uma nação com crenças, valores e prioridades que fazem parte de um contexto. É nesse ambiente que o processo de mudança de paradigma ocorre, seja no âmbito do modelo social, seja no âmbito do defeito, pois em ambos os cidadãos com deficiência precisam superar ou perceberem que fazem parte do todo e são iguais a todos, sendo necessário submeterem-se aos padrões estabelecidos pela sociedade (VICTOR et. al. 2016).

Ressaltam Queiroz e Lattenero (2019, p.198) que

a inserção da inclusão de alunos com deficiência na rede regular de ensino impulsiona a escola a um novo paradigma que fundamenta a Educação

Especial e a coloca numa perspectiva de modificação. As discussões partem de uma leitura da situação da escola relacionada à inclusão de alunos com deficiência e ganha uma dimensão de utopia diante dos obstáculos em que se encontra, devido à falta de estrutura física e pedagógica (QUEIROZ; LATTENERO, 2019).

Neste sentido, a integração de alunos "especiais" deve ser sempre facilitada, pois a educação é um direito inerente a todos que faz parte do princípio da dignidade humana no âmbito individual e coletivo. Assim, esse direito proporciona a real igualdade e inclui todos na diferença e na diversidade (SILVA; ARAÚJO, 2017).

Alunos que apresentam dislexias de acordo com Víctor et. al. (2016) podem e devem ser incluídos no contexto escolar em contato com seus pares, sendo fundamental a erradicação do preconceito e o uso de estratégias pedagógicas que trabalhe cada aluno de forma eficiente. Sabendo que as dificuldades de leitura e escrita são mais persistentes em alunos com dislexia, intervenções especializadas e precoce são eficazes para desenvolver as potencialidades e demais aspectos positivos do próprio aluno, pensando na superação das dificuldades encontradas.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada por meio de recursos bibliográficos, tendo como base a leitura de diversos trabalhos científicos que tratam do tema, todos com notável relevância, pois foram capazes de fornecer um quadro teórico que servirá de aporte à outros estudiosos. Toda a revisão bibliográfica foi feita por meio de consultas em livros, revistas e sites, visando análise e conhecimento das principais teorias relacionadas com o assunto (LAKATOS; MARCONI, 2017).

Foi realizado um levantamento de dados secundários através da leitura de estudos publicados anteriormente, que abordaram o tema deste artigo. A pesquisa bibliográfica foi realizada em artigos de revistas científicas, livros especializados, na internet, busca em banco de dados virtuais, principalmente relacionados ao campo da saúde, como a base de dados da Scielo e Bireme, como bancos de teses, artigos, dissertações e trabalhos de conclusão de curso, entre outros (LAKATOS; MARCONI, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ambiente escolar estão presentes vários tipos de alunos com diferentes habilidades, experiências e estilos de aprendizagem. Em vista disso, é desafiador para os professor reconhecer essas diversidades e interagir de forma inclusiva, defendendo sempre os interesses que permeiam o convívio harmonioso com as diversidades que incluem as diferentes inteligências que agem no indivíduo.

A educação inclusiva pressupõe uma mudança de paradigma na função docente que passa a ser mais comprometido com o aluno especial, com seu contexto e história de vida. Um profissional que estimula o pensamento crítico dos seus alunos e não mais um reprodutor passivo de conteúdos estabelecidos pela sociedade e sim um professor que valoriza e respeita as singularidades, promovendo desenvolvimento e autonomia nos alunos e isso inclui aprendizes com diferentes distúrbios como por exemplo a Dislexia.

Para o processo de aprendizagem de alunos disléxicos, é fundamental a comunicação com os professores que precisam lidar com esses educandos. O profissional de educação precisa analisar as dificuldades que o disléxico apresenta e buscar aparelhar-se com estratégias adequadas para realizar o repasse de conhecimentos e isso inclui o auxílio da família do aluno.

A descoberta precoce da Dislexia é indispensável para se poder trabalhar o aluno e observar o seu progresso com as intervenções diárias. É crucial que essa descoberta seja verificada na fase de alfabetização dos escolares e isso requer profissionais de educação qualificados que possa observar e analisar o comportamento do aluno e utilizar meios para que ele possa acompanhar o ritmo das aulas.

Assim, dos autores consultados no levantamento bibliográfico deste estudo, entendemos que as estratégias de melhoria da educação inclusiva na perspectiva da dislexia, envolvem, especialmente, a preparação do professor que vai lidar com o aluno disléxico, pois ele vai necessitar de um acompanhamento específico. A educação é um direito de todos, garantidos na Constituição Brasileira, no entanto, se faz necessário a implementação de políticas públicas voltadas para a inclusão, a preparação do espaço (escola) e dos instrumentos (os professores), para melhor atender as necessidades dos alunos especiais.

Espera-se que as reflexões aqui apresentadas possam servir de aporte aos profissionais de educação no sentido de construir novos conhecimentos para mediar uma significativa aprendizagem à alunos disléxicos. É necessário que políticas

públicas sejam implementadas para impulsionar a formação continuada de docentes e assim ampliar o diálogo nas práticas pedagógicas voltadas para a educação inclusiva de alunos com Dislexia.

RERERENCIAS BIBILOGRÁFICAS

ARAÚJO, Simaia Sampaio Maia Medrado de. **Distúrbio e transtornos**. Disponível em <http://psicopedagogiabrasil.com.br/distúrbios.htm>. Acesso em: 21/10/2020.

COELHO, D. **Dislexia, Disgrafia, Disortografia e Discalculia**. Porto: Areal. 2014.

CRUZ, Vitor. **Dificuldades de Aprendizagem Específicas**. Lisboa: LIDEL - Edições Técnicas, Ltda, 2009.

CRUZ, Vitor. **Olhares sobre a Dislexia. Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa**. Revista Inclusão 5 : 35-48. Ano 2004.

_____, Vitor. **Dificuldades de Aprendizagem Específicas**. Lisboa: LIDEL - Edições Técnicas, Lda. 2009.

JARDINI. R. S.R. **Método das boquinhas: alfabetização e reabilitação dos distúrbios da leitura e escrita**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

LAKATOS, E.V.; MARCONI, M.A. **Metodologia de trabalho científico**. 8.ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

LANHEZ, Maria Eugênia; NICO, Maria Angela. **Nem sempre é o que parece: Como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

LANHEZ E NICO, S.A. **Intervenção precoce em escolares de risco para a dislexia: revisão da literatura**. Rev. CEFAC, São Paulo, v.14, n.4, p. 749-755, jul./ago.2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v13n4/131-10.pdf>. Acesso em: 02/11/2020.

LIMA, A.B. **Políticas de inclusão na educação básica**. 1.ed. Curitiba: Appris, 2020.

LIMA, R. F. de; SALGADO, C. A.; CIASCA, S.M. **Associação da dislexia do desenvolvimento com comorbidade emocional: um estudo de caso**. Rev.

LUCA, K. A.. **Compreender a dislexia um guia para os pais e professores**. Porto Editora, 2012.

MENEZES, R. de P. **Intervenção psicopedagógica com uma aluna disléxica**.172f. Porto Alegre, 2007.

PEREIRA, Rosângela de Almeida. **Dislexia: conhecimentos e práticas escolares, mobilização da inclusão dos estudantes disléxicos**. Matinhos, 2015.

PENNINGTON, B. F. **Diagnóstico de distúrbios de aprendizagem**. São Paulo: Pioneiras Sociais, 1997.

SANTOS, G.H. **Inclusão e práticas de ensino para alunos com Dislexia**. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/23456789/14445/1/PDF>. Acesso em: 28/08/2020.

SHAYWITZ S. **Helping your child to become a reader**. In Shaywitz S. *Overcoming Dyslexia*. New York: Alfred A. Knopf; 1988. p.169-230.

SILVA, Emerson Vicente da; ARAÚJO, Miriam Esperidião. **O papel do Estado, dos Docentes e da Família na Constituição de uma Educação Inclusiva**. Revista acadêmica Integração.v.1, n.1, 2017.

SILVA, Luzia Guacira dos Santos. **Educação Inclusiva: práticas pedagógicas para uma escola sem exclusões**. São Paulo: Paulinas, 2016.

SILVA, Nilza Sebastiana da; SILVA, Fábio José Antônio da. **A dislexia e a dificuldade na aprendizagem**. *Revista Científica Multidisciplinar*, Ano 1, Vol 5 , pp. 75-87 Julho 2016, ISSN: 2448-0959

SOUSA, I.V. **Educação inclusiva no Brasil: história, gestão e políticas**. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2019.

TELES, P. **Dislexia: como identificar? como intervir?**. Disponível em: <https://www.rpmgf.pt/ojs/index.php/rpmgf/article/view/10097/9834>. Acesso em: 15/12/2020.

VICTOR, Sônia Lopes; DRAGO, Rogério; CHICON, José Francisco. **Educação especial e educação inclusiva: conhecimentos, experiências e formação**. Araraquara-SP: Junqueira&Marin, 2016.

QUEIROZ, Jucilene Teles de; LATTENERO, Mariza da Silva Ferreira. **Olhar inclusivo: desafio da educação contemporânea**. 1.ed. Curitiba: Appris, 2019.